

PRIMEIRA CIRCULAR

VIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE AS GEOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA E DO MEDO: OS CRIMES LETAIS E INTENCIONAIS E OUTRAS VIOLÊNCIAS COMO EPIDEMIA NO TERRITÓRIO PERNAMBUCANO E BRASILEIRO

XII SEMANA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO: “CIÊNCIA COM CONSCIÊNCIA”

PERÍODO: DE 05 A 9 DE NOVEMBRO 2018

A violência e o medo têm sido palavras e ações recorrentes no cotidiano do povo brasileiro. A primeira podemos traduzi-la como a instrumentalização de força física traduzida em poder, sob ameaças reais ou não, que recaiam sobre nós mesmos, contra outras pessoas, ou grupos sociais e comunidades, que possam resultar, com grandes probabilidades, em ferimentos, morte, distúrbios psicológicos e privações de toda ordem, ou seja, “mal-desenvolvimento” (wikipedia). Já para Bauman (2008, pp.8-9), “medo é o que damos à nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance”. Como parte, como, fala Morin (1987,1989, 1996,2001, 2002), na sua coletânea o Método, o homem é **físico, bio, atropo e social**, sendo assim, o medo é inerente a toda cadeia animal e os seres humanos ao encararem uma ameaça “oscilam entre as categorias de fuga e agressão” (BAUMAN, 2008, p.8-9). No entanto, ainda segundo esse autor, os humanos conhecem e agregam algo mais a esse sentimento: “uma espécie de medo de segundo grau, um medo, por assim dizer, social e cultural reciclado”, ou como denomina Hugues Lagrange (IN BAUMAN, 2008), “um medo derivado”, que guia seu comportamento de ter reformulado sua “percepção de mundo” e as expectativas que orientam suas opções de comportamento frente a ameaças imediatamente presentes ou não. Este medo pode ser concebido como um “resquício”, um trauma de uma experiência passada de enfrentamento “de uma

ameaça direta”. Esta percepção de um medo derivado para Morin (2002, pp.116-128), é um resquício do iluminismo, da modernidade, do Estado nação, que se pauta na premissa no **homo sapiens, faber, economicus**, mas esquecendo que esse mesmo **homo** também é **paranóico** e **killer**. Segundo o supracitado autor, “os psicanalistas não se cansam de mostrar a loucura latente sob os comportamentos normais. Olivenstein sabe que em toda civilidade há o ‘**homo paranóico**’, ou seja, um megalômano, desconfiado, interpretando de forma delirante, percebendo sem parar indícios de uma conjunção contra ele. A loucura humana aparece quando o imaginário é considerado como real, quando o subjetivo é considerado objetivo, quando a racionalização é considerada como racionalidade e quando tudo isso está ligado...os gregos diagnosticaram a disposição humana para a **hubris**, termo que significa, desmedida demente”.

Muito embora seja, aparentemente, um assunto tangencial à geografia, percebemos o quanto essas premissas psicanalíticas se atrelam às territorialidades do medo no Brasil, pois, ao mesmo tempo que ascende o **homo economicus**, descende o **homo faber** e, no seu lastro, o **homo sapiens**. Na luta entre o nós racional, a afetividade (**thumos**) e a impulsividade (**epithumia**), tem ganho esta última; a impulsividade hedonista e egoísta do tudo ter e querer aqui e agora, muitas vezes lançando mão de todos os tipos violentos. Desponta com vigor o **homo paranóico** competidor, numa seara de escassez de possibilidades, no seio da lógica produtivista da racionalidade global como destino, **telos** inabalável. Nossa loucura atual recai, então, nesse imaginário coletivo e individual de realização total, via mercado, como realidade inabalável, quando de fato não é. Nessa subjetividade mentirosa de inclusão e de vazão desmedida de potenciais criadores, todavia amarrada numa racionalidade objetiva/histórica de um capitalismo com mais atavios sutis e perversos (desregulação, terceirização, trabalho flexível, temporário, desemprego estrutural, precarização, etc.). Todos esses conflitos têm induzido às muitas demências, incluindo-se, em Pernambuco e no Brasil, a grande demência criminosa e assassina. Corroborando tal panorama, o mais recente lançamento do Atlas da Violência e do Instituto Igarapé, indicam que, somando o quantitativo dos crimes de mortes letais e intencionais de 154 países,

totalizou 62.337, enquanto somente o Brasil, neste mesmo período, o número chegou a 62.517, ou seja, um índice superior. Estes dados, juntamente com os mais detalhados, nos faz não somente conjecturar, mas afirmar que estamos edificando um território nacional de condições epidêmicas sobre os CLI (Crimes letais e Intencionais) e outros tipos de violência.

Resumo para divulgação

Podemos, resumidamente, destacar que o resultado deste projeto de Simpósio sobre as Geografias da Violência e do Medo, é transversal a diversas áreas do conhecimento humano que tratam da sociedade em movimento num prisma, digamos assim, civilizatório e territorial, no seu sentido de civitas, de cidade, de cidadania, de contato com estranhos, onde os mesmos se tolerem, respeitem a diferença do outro. Ao mesmo tempo, tem como foco empírico, a realidade, em especial, das cidades brasileiras que, paulatinamente, como apontam os dados estatísticos de diversas fontes de pesquisa, vêm se tornando verdadeiros *locus* de anticivilidade, de intolerância nos seus diversos matizes, criando-se, o que podemos falar, de uma “Geocultura da violência e do medo”, já que estamos tratando de civitas mais como “necrópolis”, como já ressaltou Milton Santos, do que cidades metrópoles, detentoras de cidadania e de vida. Para termos ideia – e reforçando alguns dados estatísticos – segundo o portal G1 de 13/11/2017, o Brasil alcançou o estratosférico índice de 61.000 mortes letais intencionais em 2016, mais ou menos 7 assassinatos por hora. Para 2017 os indicadores tendem ser ainda piores. Na matéria, o número de mortes de 2016 é comparável às pessoas dizimadas pela bomba atômica de Nagasaki, no Japão, no período da Segunda guerra Mundial. Considerando o número de mortes por 100 mil habitantes, o Estado de Sergipe segue a dianteira com 64; em seguida vem o estado do Rio Grande do Norte: 56,9%, e, depois, Alagoas com 55,9. No que respeita as capitais, Aracaju segue a dianteira com 66,7 mortes por 100 mil habitantes; em seguida vem Belém com 64, e em terceiro Porto Alegre com 64,1. (<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/brasil-registra-o-maior-numero-de-homicidios-da-historia-em-2016-7-pessoas-foram-assassinadas-por-hora-no-pais.ghtml>). Sem dúvida são números alarmantes, se contarmos que estamos vivendo um contexto político, histórico, social, cultural e psíquico, mais voltado para a cultura destrutiva da **Hubris** (demência) do que a cultura da afetividade

(Thumus). No lastro, viceja a Geocultura espacial de um **homo paranóico** de uma cidade totalmente fragmentada, amedrontada, aquartelada, “de prisões internas e externas aos presídios”, na qual a morte se torna uma verdadeira “banalização do mal” e a metrópole, repetimos, parece cambiar para uma **necrópolis**. Neste sentido, e retomando P. George (1993), uma Geografia da saúde – e não da epidêmica - está mais afinada a uma Geografia social, no sentido de que, nesta última, envolvem-se elementos geoculturais nos seus diversos aspectos, inclusive o processo endêmico em que se tornou a violência tanto do sentido *stricto sensu* quanto *lato sensu*. Como ressalta o autor, é uma Geografia que podemos também concebê-la como Regional, pois fica evidente, como no quadro estatístico dos indicadores dos crimes no Brasil, diferenciações bem visíveis nos quantitativos, bem como nos fatores que induzem a tais panoramas geográficos. Não deixa também, do contexto da violência que estamos tratando, vislumbramos, também, como P George (1993), uma Geografia Médica, visto que na Geocultura da Violência no Brasil há uma discrepância gritante no que trata da fixação dos equipamentos para dá suporte médico imediato às vítimas, quanto às infraestruturas socioespaciais imprescindíveis à constituição de lugares feitores de um país cidadão. Enfim, Geografia da Saúde contém e está contida na Geografia Médica, por intermédio de uma Geocultura Social que englobe as diversas doenças, epidemias e endemias, incluindo, no caso específico do Brasil, a endemia da incivilidade, traduzida nessa guerra civil dissimulado, que torna o Brasil o país que, quantitativamente, mais se mata no mundo, considerando os crimes letais e intencionais.

Um esboço de programação

	05/11/2018	06/11/2018	07/11/2018	08/11/2018	09/11/2018
Manhã	Credenciamento: 09:00 11:00 Conferência de abertura: Prof. Dr. Arquimedes (Unicamp). Tema	10:30: Palestra com o Professor Dr. Clay Chagas (UEPA) Tema: a	10:30: Palestra: Prof. Dr. James Humberto Z. Júnior (UNILA)	10:30 hs: Palestra com a Profa. Dra. Carolina Nogueira (UFAM) Tema: A	10:00 hs: representação estudantil do ppgeo e uma discussão com o alunato sobre o seu

	em aberto	importância da formação continuada do policial e suas ações no contexto da violência do Pará	Tema: Uma Geografia do Sistema Prisional brasileiro no contexto neoliberal	questão indígena na Amazônia e os Guaranis Kaioás no MS.	papel nos avanços da pós em Geografia da UFPE
Tarde	14:00 hs, Grupos de Trabalho sobre Violência, criminalidade e outras temáticas	14:00 hs: Grupos de trabalhos sobre Violência, criminalidade e outras temáticas	14:hs: grupos de trabalhos sobre Violência e crime e outras temáticas	14:hs grupos de trabalho sobre violência e crime e outras temáticas	14:00hs: apresentação de GTs sobre Violência e medo e outras temáticas
noite	18 hs: palestra do Prof. Antônio Carlos de Barros Corrêa Tema: os desafios do PPGEo-UFPE, frente à nova conjuntura e demandas da CAPES	18 hs: Palestra do Prof. Dr. Anselmo (IFET-Recife) Tema: A Importância da ação dos agentes de Saúde na minimização da violência e do crime	18:hs Palestra com o Professor Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias (UFCEG) Tema: Educação em tempos neoliberais de exceção: viés libertadora ou de alienação opressiva e violenta?	18:00 hs Palestra com o Prof. Dr. Alcindo Sá (UFPE) Tema: um histórico da difusão das drogas "ilícitas" ao longo da história e a difusão do Crack em Recife	18:00: Palestra de Encerramento: A definir

Programação sujeita a alterações, por exemplo, as palestras serão substituídas por mesas-redondas, bem como os conteúdos, de acordo com as linhas